

**SIMPÓSIO ⇒ SEMIÓTICA DAS CULTURAS: MUNDOS CONSTRUÍDOS E
COMPETÊNCIAS SÓCIO-CULTURAIS
SEMIÓTICA DAS CULTURAS REGIONAIS: NORTE E NORDESTE**

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista
Universidade Federal da Paraíba

Neste trabalho vamos ressaltar a proposta teórica da semiótica das culturas, aplicada à análise da literatura popular brasileira, em especial a levantada nas regiões Norte-Nordeste. Serão destacadas, entre outras, questões como: etnia, identidade e diversidade cultural, estruturas de poder, sistema de dominação, pluriculturalismo que serão examinados de acordo com o ponto de vista de pensadores da atualidade.

Nossa literatura popular veio com os portugueses para o Brasil e aqui se aclimatou, acolhendo elementos das outras etnias que nos formaram. Os estudos mais antigos consideram-na portuguesa como a língua. Sobre o assunto, eis o que afirma Romero (1977:257)

A literatura ambulante e de cordel no Brasil é a mesma de Portugal. Os folhetos mais vulgares nos cordéis de nossos livreiros de rua são: A História da Donzela Teodora, A Imperatriz Porcina, A formosa Magalona, O Naufrágio de João de Calais..

O autor, falecido em 1914 e sem a tecnologia de que dispomos, certamente não conhecia toda a complexidade da nossa poesia popular tal como hoje a conhecemos. Levantamentos posteriores vêm mostrando uma variedade estonteante de títulos e formas. Só na literatura de cordel, a Comissão Nacional de Folclore estima que já foram produzidos no Brasil vinte e dois mil folhetos.¹ Na Universidade de Poitiers, na França, no Fonds Raymond Cantel, foram armazenados mais de dez mil folhetos adquiridos, sobretudo, no Nordeste brasileiro. Que diríamos, então, das outras formas que não são folhetos: os contos, as parlendas, os romances, as cantigas, o anedotário, etc?

Pensamos que, neste caso, devem-se distinguir os textos tradicionais (aliás em número reduzido) dos recentes. Mesmo com relação aos tradicionais, existem variações significativas entre as versões brasileiras e portuguesas, o que afeta a ideologia. Um exemplo marcante dão Carvalho e Batista (UFPB:2004) quando, analisando a desgraça amorosa no romanceiro tradicional, observaram uma profunda mudança no romance ibérico *Aparição* ao ser transportado para o Brasil. A narrativa é a mesma: centra-se na descrição de um velório de uma mulher jovem. Em Portugal, ressalta-se a aristocracia e a riqueza da mulher, Mercedes, que é uma rainha e que é tristemente pranteada pelo marido. No Brasil, a mulher, Iracema, é pobre, moradora do bairro da Caixa d'Água e mulata. Seu caixão não foi enfeitado com cristal, marfim e ouro, mas com letrinhas (cartinhas) de amor o que a estigmatiza como infiel, motivando seu assassinato pelo amante/noivo que conclui a narrativa absolvido de culpa.

A literatura popular aparece, às vezes, marcada ideologicamente por valores que nem sempre dignificam nossa cultura. Tomemos, como exemplo, o romanceiro e o cancionero onde, subjacentes aos discursos, encontram-se valores como: o preconceito

¹ A afirmação foi feita pelo vice presidente (José Fernandes) durante sua exposição no Simpósio Nacional de Literatura Popular . UFPB, 2004.

contra a mulher ou contra o negro, a apologia ao malandro/enganador, um sistema de dominação marcado pela barbárie ou pela ausência de democracia, etc.

Dois questionamentos foram feitos para orientar nossa pesquisa: estes fatos estariam ocorrendo de forma homogênea nas diversas formas de literatura popular? Ou haveria divergência entre elas como, por exemplo, a existência de maior brasilidade nos textos escritos que nos orais? Os textos orais, sendo mais tradicionais, refletiriam a cultura ibérica e os escritos, de origem mais recente, poderiam apresentar mais traços de brasilidade. A resposta a estes questionamentos poderia nos levar a compreender nossa identidade e diversidade cultural.

Somos um país mestiço e profundamente desigual. Essa desigualdade não é apenas étnica, mas cultural. E esse trabalho pretende descobrir até que ponto nossas composições populares permaneceram brancas, ou se nela se pode falar de um pluriculturalismo positivo e enriquecedor.

Melo e Souza, em entrevista na Folha de São Paulo (23/03/2000) considerou o pluriculturalismo uma vantagem de que poucas nações do mundo podem se orgulhar. Em muitos países, apesar de conviverem etnias diversas no mesmo espaço físico, a miscigenação não aconteceu. Basta olharmos para as características físicas das pessoas para verificarmos. No Brasil, ao contrário, somos, como afirma Ariano Suassuna² “uma raça de cabras meio amarelados a que pertencemos e com muito gosto”. Portanto, neste século, quando os direitos humanos estão sendo colocados em evidência, pesquisas que retratem este aspecto, são importantes porque poderão discutir, quem sabe, uma melhoria social e a possibilidade de extinção das desigualdades.

As diferentes formas literárias populares (romance, cantiga, folheto, conto, anedota, lenda, fábula) encerram uma multiplicidade de gêneros discursivos que podem ser caracterizados mediante um exame semiótico das relações intersubjetivas. Por outro lado, nelas subsistem elementos de nossa identidade cultural onde estão amalgamados aspectos ideológicos das três raças que deram origem ao povo brasileiro, o que caracteriza um pluriculturalismo e não um monoculturalismo como pretendem alguns. Considerando como opina pais que os recortes culturais presentes na estrutura fundamental sustentam a ideologia da cultura que os produziu, quais são os microssistemas de valores que caracterizam nossa identidade cultural?

Para Baumann (2003:26-27), o estado nação ocidental é um amálgama peculiar de duas filosofias aparentemente inconciliáveis: o *racionalismo* que tem como base do agir a eficiência e o *romantismo* que apela para o sentimento como base do agir. Na verdade, o ocidente moderno nasce de uma visão romântica da etnia, cujas fontes remontam a Herder para quem, o mundo é habitado por pessoas cada uma das quais com sua própria cultura. A finalidade da unidade cultural é levar o grupo étnico ou cultural ao *status*, alguns chamam até à liberdade de uma nação. A simplicidade desta visão é sedutora, mas é necessário demolir alguns dos seus perigosos erros. A idéia de etnia leva uma grande vantagem sobre aquela de “estado”. Significa raízes e responde às perguntas: de onde venho e o que me torna aquilo que sou. Em outras palavras, remete a uma identidade natural. E conclui o autor “o absolutismo étnico não é politicamente útil, nem sustentável do ponto de vista analítico”.

Hamel (2006) considerou a diferença entre monoculturalismo; multiculturalismo e pluriculturalismo. No monoculturalismo, a diversidade é negada como o próprio nome indica. No multiculturalismo, a diversidade é reconhecida como problema. No entanto, no

² Afirmação feita no I Congresso Internacional de Literatura Nordestina. Recife:UFPE, 1987

pluriculturalismo, a diversidade é assumida como recurso enriquecedor, possuindo, portanto, uma conotação positiva.

Rastier (2002:6) considera que as culturas não podem ser descritas a não ser diferencialmente, como os objetos culturais que as compõem, em especial as línguas e os textos. Em outras palavras, afirma o autor:

“...la diversité qui, par contraste avec l’uniformité fondamentale du monde physique, fait la richesse des «mondes» sémiotiques, suppose pour être comprise un décentrage critique, et, plutôt qu’un relativisme, un cosmopolitisme méthodologique nécessaire pour éviter l’ethnocentrisme, voire le nationalisme et le racisme. Ainsi, le concept de culture supérieure, en plein essor aujourd’hui, reste sinon archaïque, du moins barbare” (id. ib)

Estas rupturas são gramaticais e constituem objeto de escolha incessante dos locutores, devendo todo enunciado ser situado pelo menos em uma dessas zonas. As homologias entre estas rupturas permitem distinguir três zonas: uma de coincidência (a zona identitária), uma de adjacência (a zona proximal) e uma de diversidade, (a zona distal).

Segundo Pais (1991: 452-461) todas as sociedades apresentam seu sistema próprio de dominação (imposto ou escolhido livremente) que se sustenta numa tensão dialética entre dominante e dominado. Examinando a questão da cidadania relacionada com as classes apresentadas, o autor observou que a cidadania plena se sustenta na tensão dialética entre direitos e deveres. A elite possui direitos, mas não-deveres, a massa, deveres, mas não-direitos e a marginalidade não apresenta direitos nem deveres. Nas sociedades ditas heterogêneas, podem ocorrer os quatro grupos sociais.

A partir dessas considerações teóricas, foi examinado um *corpus* constituído de textos literários populares levantados, sobretudo, no Nordeste e Norte do Brasil, que destacaram as figuras do índio, do negro e do branco a fim de descobrir a ideologia subjacente aos discursos capaz de determinar um pluriculturalismo.

BIBLIOGRAFIA

BAUMANN, Gerd. **L’enigma multiculturale: stati, etnie, religioni**. Bologna – Itália: Società Editrice il Mulino, 2003.

CARVALHO, Marcia Ferreira de e BATISTA, M de Fátima B. de M. **O Romancero ibérico de amor desgraçado: uma abordagem semiótica**. João Pessoa: dissertação apresentada ao curso de pós graduação e letras da UFPB, 2006

HAMEL, Reiner Enriq. **Conflictos entre lenguas, desplazamiento y revitalización: lenguas indígenas em América Latina**. João Pessoa: Congresso Internacional de Políticas Lingüísticas em América del Sul: Lengua(s) y Pueblos: Unidad y Diversidad (Cipla). Maio de 2006.

MELLO E SOUZA, Laura. Entrevista à Folha de São Paulo, on line: <http://www1.folha.uol.com.br> 20\03\2000.

PAIS, Cidmar Teodoro. Sociossemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In **Anais do V Encontro Nacional da Anpoll**. Porto Alegre: Anpoll, 1991 : 452-461.

RASTIER, François. **Antropologie Linguistique et Sémiotique des Cultures** in Rastier et Bouquet. **Une introduction aux sciences de la culture**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977.